

Um panorama sobre língua Árabe no Brasil e seu percurso até a sala de aula.

An overview of Arabic language in Brazil and its path until the classroom.

Paula da Costa Caffaro¹

Recebido em: 15/10/2020

Aprovado em: 28/12/2020

Publicado em: 30/12/2020

Resumo:

O objetivo central deste estudo é traçar um panorama sobre o status da língua árabe no Brasil na última década (de 2010 a 2020). No entanto, procurou-se retomar a trajetória da língua e cultura árabes em solo nacional como uma das justificativas possíveis para o interesse dos brasileiros em estudar esse idioma. Por isso, foi resgatado o percurso da presença árabe no Brasil em diferentes momentos históricos, desde os tempos do Brasil-Colônia, com a chegada dos Malês, até o recente acolhimento de refugiados e imigrantes devido à Guerra Civil Síria em diferentes capitais do país. Foram lembradas também as instituições públicas brasileiras, projetos, escolas, cursos onde é possível aprender a língua, literatura, cultura, história, política, filosofia árabes. Descreveram-se ainda algumas metodologias de ensino, materiais didáticos empregados nas salas de aula, além de evocarem-se as dificuldades e desafios que um professor brasileiro encontra para ensinar essa língua a alunos brasileiros que, embora possam ser descendentes de árabes, pouco ou nada sabem sobre sua língua de herança.

Palavras-chaves: Língua Árabe. Malês. Imigração Árabe. Ensino de Línguas Não-Hegemônicas no Brasil.

Abstract:

The central goal of this study is to draw an overview about the status of Arabic Language in Brazil in the last decade (2010-2020), however the Arabic Language and its Culture path in national soil were reminded as one of the possible justifications for Brazilian interests of learning the idiom. Therefore, this paper presents the journey of Arabic presence in Brazil, during different historical moments, since the colonization period, when African Muslims, called by the name of “Malês”, were forcedly brought to Brazil, until the more recent hosting process of Syrian refugees and immigrants in different capitals of the country. It was mentioned the Brazilian Public Institutions, projects, schools, institutes, where it is possible to learn the Arabic language and about literature, culture, history, politic, philosophy of Arabic countries. The pedagogical methodologies and didatic resources taken in account and used in the classrooms were described, as well as the challenges that a Brazilian teacher may face while teaches this language to Brazilian learners who, although might be Arab descendents, little or nothing know about his heritage language.

Keywords: Arabic Language. “Malês”. Arabic Immigration. Teaching Non-Hegemonic Languages in Brazil.

¹ Possui graduação e licenciatura em Letras (2004), especialização em Língua Árabe (2006), mestrado em Letras (Língua e Linguística Árabe) (2013) e doutorado em Letras (2018). Atua como Professora de Língua Árabe no Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: paulacaffaro@letras.ufrj.br

CAFFARO, P.C.

Introdução

Muitos brasileiros desconhecem, ou até mesmo ignoram, o fato de que a presença da cultura árabe no Brasil não é um fenômeno recente, fruto de movimentos migratórios e pedidos de refúgio devido à Guerra Civil Síria, por exemplo. Ao contrário, esse ponto de intersecção é antigo e dista dos séculos XVIII e XIX, com a chegada dos negros muçulmanos à Bahia e o fascínio do Imperador do Brasil D. Pedro II pela língua, literatura e cultura árabes. Embora o tema principal deste trabalho não seja um relato da história compartilhada entre esses dois povos - os árabes e os brasileiros -, acreditamos que uma contextualização possa justificar o motivo pelo qual o elemento árabe é tão vivo e perceptível em nossa sociedade contemporânea, desde a culinária até a política, passando pela literatura brasileira e a própria língua portuguesa.

O objetivo central deste estudo é traçar um panorama sobre o *status* da língua árabe no Brasil na última década (de 2010 a 2020). Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e panorâmico, uma vez que os dados aqui apresentados foram coletados por meio de entrevistas com informantes que representam o grupo de docentes e discentes universitários que estudam árabe no Brasil. Foi realizado ainda um levantamento bibliográfico para embasamento das considerações de cunho histórico e literário apresentadas. Sendo assim, discutiremos diferentes aspectos que envolvem os Estudos Árabes no país, a saber, os locais onde essa língua é ensinada; quem são os alunos brasileiros que se interessam em aprendê-la e por quê; quem são os professores e quais são os desafios que costumam enfrentar no tocante à formação continuada, materiais didáticos, currículo, entre outros. Ressaltaremos esforços individuais de especialistas da área que se empenham para manter viva e germinante a semente árabe em solo brasileiro.

Árabes somos nós? Breve relato de uma história compartilhada.

O Brasil possui uma história relativamente recente, se pensarmos do ponto de vista da chegada dos portugueses ao Novo Mundo, no século XVI. À população indígena nativa, foram incorporados os portugueses colonizadores e os africanos escravizados.

CAFFARO, P.C.

Apenas? Certamente, não. Sobre a formação do povo brasileiro, Ribeiro (1995, p. 243) registra a quantidade de imigrantes europeus (portugueses, italianos, alemães, espanhóis), japoneses, eslavos e orientais que foram integrados na população brasileira, e destaca que cada grupo imigrante contribuiu de forma particular para a formação de “uma mesma cultura (que) a todos engloba e uma vigorosa autodefinição nacional”, a que chamou de “brasileirismo”.

Contudo, ainda hoje percebemos que há a predominância de uma visão eurocêntrica, nos livros didáticos do Ensino Básico, no que concerne ao registro da História do Brasil. Assim, capítulos importantes como a “Revolta dos Malês” ou a “Imigração Árabe” são pouco explorados, ficando a cargo do professor dar-lhes a relevância devida. Da mesma forma, muito pouco é mencionado sobre os arabismos² presentes na língua portuguesa. Por motivos como esses, brasileiros com um nível médio de escolaridade tendem a não reconhecer nos árabes uma identidade, embora apreciem esfiha e quibe³, façam suas compras nas Ruas da Alfândega ou na 25 de Março⁴, ou ainda tenham sido eleitores (ou opositores) de Haddad, Temer, Maluf ou Kassab⁵. Um fato não se pode negar: a cultura árabe (islâmica ou cristã) se faz presente em solo brasileiro desde os tempos do Brasil-Colônia.

Com a chegada dos africanos muçulmanos à Bahia, na virada do século XVIII para o XIX, o Islã africano foi trazido para o Brasil, sofrendo influências de cultos locais. Os adeptos dessa religião eram chamados, “malês”, qualquer que fosse sua origem ou etnia. Vargens e Lopes (1982, p.48) argumentam que o culto malê foi um dos fatores aglutinantes mais importantes na luta contra a opressão, pois unia os africanos sob a bandeira da nação islâmica, tendo a língua árabe como código secreto de comunicação.

² Arabismos são palavras de origem árabe que foram assimiladas e influenciaram as línguas peninsulares, a saber, o português e o espanhol.

³ Esfiha e quibe são pratos típicos do Levante Árabe (Libano, Síria, Palestina, Jordânia) que, devido à imigração árabe no Rio de Janeiro e São Paulo, foram incorporados à gastronomia do sudeste brasileiro.

⁴ Tanto a Rua da Alfândega (no Rio de Janeiro), quanto a Rua 25 de Março (em São Paulo) foram locais onde os primeiros comerciantes árabes abriram suas lojinhas para abastecerem a rede de vendedores imigrantes árabes, chamados de mascates, que vendiam de porta em porta suas mercadorias. Hoje, essas ruas são centros importantes de comércio popular.

⁵ A colônia árabe e seus descendentes integraram-se à vida do país, seguindo diferentes carreiras e profissões, como na política. Fernando Haddad, Paulo Maluf, Gilberto Kassab são nomes que se destacaram na política brasileira, Michel Temer chegou a ser Presidente do Brasil em 2016.

CAFFARO, P.C.

As revoltas que eclodiram na Bahia, nas primeiras décadas do século XIX, foram lideradas pelos negros muçulmanos e tiveram grande importância na disseminação do ideal abolicionista entre os escravos dos engenhos da cidade de Salvador e da região do Recôncavo Baiano. Apesar das revoltas malês terem sido duramente reprimidas pelas forças imperiais, é inquestionável o papel de destaque que o Islã ocupou na resistência contra a opressão e na luta dos povos africanos a favor da abolição da escravatura, e ocupa, ainda hoje, um lugar na “memória do negro brasileiro, como motivo de orgulho e autoafirmação” (VARGENS; LOPES, 1982, p. 76).

Outro capítulo da História do Brasil pode ser evocado a fim de ratificar a presença árabe na sociedade brasileira e justifica a relevância do ensino-aprendizado desta língua em nosso país. Relatos pessoais do Imperador do Brasil D. Pedro II conta-nos sobre sua admiração pelo Oriente e sua cultura. D. Pedro II visitou Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Palestina em três diferentes ocasiões no final do século XIX, e incentivou a emigração de habitantes dessa região para o Brasil. Sabemos também que o Monarca tinha conhecimentos consistentes da língua árabe que lhe permitiu traduzir as primeiras 140 noites de *As mil e uma noites* diretamente do original (VARGENS, 2013, p. 8), conforme nos atesta o Professor Dr. Mamede Mustafa Jarouche, tradutor de quatro volumes do *Livro das mil e uma noites*, do árabe para o português.

As primeiras ondas migratórias do mundo árabe para o Brasil ocorreram no final do século XIX, entre 1860 e 1880. Vindos especialmente das regiões da Síria e do Líbano, esses primeiros imigrantes árabes eram alfabetizados e dotados de consciência política. Para eles, a emigração era uma solução provisória em meio ao cenário de ocupação estrangeira. A emigração árabe foi de ordem política, e não econômica, como se deu com os povos italianos, alemães, espanhóis, entre outros, que às Américas chegaram para suprir a carência de mão de obra, após a Abolição da Escravatura, em 1888, e em busca de melhores condições de vida do que as oferecidas em seus países de origem (SISMONDINI, 2017, p. 35).

Sismondini (2017, p.46) ressalta que a primeira geração de imigrantes árabes era formada de pensadores, intelectuais e poetas que, desde sua chegada aqui, escreviam e publicavam seus textos em jornais e revistas escritas em árabe, que tiveram grande

CAFFARO, P.C.

circulação e impacto nos países de origem, assim como na comunidade local de sírios e libaneses.

A intensa produção literária e artística produzida por essa comunidade no Brasil, que ficou conhecida por “Literatura de emigração” ou أدب المهجر, motivou a denominação do país acolhedor de “A Nova Andaluzia”. A emigração árabe estabilizou-se na década de 1940, porque o Líbano (1943) e a Síria (1946) conquistaram sua independência, e com ela, a Literatura de emigração estagnou-se, porque alcançou seus objetivos nos países de origem e também porque a produção literária dos descendentes dos primeiros poetas imigrantes árabes passou a compor a literatura nacional. Raduan Nassar⁶, Milton Hatoum⁷, Alberto Mussa⁸ são exemplos de escritores brasileiros descendentes de árabe que escreveram romances aclamados pela crítica literária e premiados tanto dentro, como fora do Brasil.

O status da língua árabe no Brasil

Embora a herança cultural árabe seja latente na sociedade brasileira, encontrar um local onde se possa aprender esse idioma, ainda hoje, não é tarefa fácil. No Brasil, há apenas duas instituições oficiais de ensino superior onde é possível estudar árabe, de forma sistemática e gratuita, são eles: a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade de São Paulo (USP). Nas referidas universidades, o aluno, aprovado no ENEM, ingressará no Curso de Letras Português-Árabe⁹ e terá que cursar 8 semestres,

⁶ Raduan Nassar, filhos de libaneses, escreveu *Lavoura Arcaica*, *Menina a caminho* e *Um copo de cólera*, que foi traduzido para o árabe pelo Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche em 2016. No mesmo ano, recebeu o Prêmio Camões, destinado a autores que enriquecem a produção literária em língua portuguesa.

⁷ Milton Hatoum, descendente de libaneses, escreveu quatro romances: *Relato de um Certo Oriente*, *Cinzas do Norte*, *Órfãos do Eldorado* e *Dois Irmãos*, traduzido ao árabe pela Profa. Dra. Safa Jubran. A referida professora recebeu, no Qatar, o Prêmio Sheikh Hamad (2019), na categoria especial de tradução à língua portuguesa.

⁸ Alberto Mussa, descendente de libaneses, é considerado uma revelações contemporâneas da literatura brasileira. Escreveu o romance *O enigma de Qaf*, traduzido para o árabe por Wail Hassan.

⁹ Na Faculdade de Letras da UFRJ, o Curso de Letras Português-Árabe é oferecido unicamente em dupla habilitação, ou seja, o aluno ingressante deverá cursar, além das disciplinas de árabe, todas as disciplinas referentes à língua portuguesa e suas literaturas. Isso significa dizer que, ao se formar, o aluno estará habilitado para trabalhar com ambas as línguas. Já na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, o aluno poderá escolher cursar a dupla habilitação, como na UFRJ, mas também poderá escolher cursar apenas a habilitação de Árabe.

CAFFARO, P.C.

nos quais aprenderá não apenas a língua, desde a alfabetização, mas também sobre a literatura, cultura, civilização e história dos povos árabes até a atualidade, a fim de se graduar como bacharel ou licenciado.

Os Cursos de árabe, tanto na UFRJ, quanto na USP, foram iniciados na década sessenta, nos anos mais duros da ditadura militar e, por esse motivo, tiveram que enfrentar dificuldades de ordem política, uma vez que ensinar línguas e culturas orientais ofereceria o chamado “perigo vermelho” (CAVALIERE, 2018, p.12). Além disso, era preciso lidar com outras questões iniciais, de suma importância para o estabelecimento dessa nova área dentro da universidade, como a escassez de materiais didáticos específicos para o ensino de árabe, um currículo incipiente e em construção, e a ausência de professores habilitados e aptos a atuarem no ensino, na pesquisa e na extensão universitária. Com perseverança, os fundadores dos cursos do Rio de Janeiro, Professor Monsenhor Alphonse Nagib Sabbagh¹⁰, e de São Paulo, Professor Helmi Nasr¹¹, aos poucos foram estruturando os Cursos e formando suas equipes.

A USP chega aos anos de 2010 com o quadro docente atual já formado. Atualmente, sete professores se dividem entre o ensino de língua, literatura, cultura, filosofia e história árabe, nos níveis de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado). São eles: Profa. Dra. Safa Jubran, Prof. Dr. Mamede Mustafa Jarouche, Prof. Dr. Michel Sleiman, Prof. Dr. Miguel Attie Filho, Profa. Dra. Mona Hawi, Profa. Dra. Arlene Clemesha e Prof. Dr. Paulo Farah. Já o quadro docente da UFRJ sofreu uma renovação na última década, aguardando, porém, ainda o preenchimento de uma cadeira em aberto. Hoje, atuam no Setor de Estudos Árabes quatro professores efetivos: Prof. Dr. João Baptista M. Vargens¹², Profa. Dra. Suely Ferreira Lima, Profa. Dra. Bianca Graziela S. G. da Silva e Profa. Dra. Paula da Costa Caffaro, que se revezam para lecionar disciplinas

¹⁰ Monsenhor Alphonse Nagib Sabbagh, um padre libanês do rito melquita, formou-se na Universidade de Sorbonne e participou da criação do Setor de Estudos Árabes em 1969, dedicando sua vida aos estudos acadêmicos e ao sacerdócio. Publicou dois dicionários inéditos no Brasil: *Dicionário Português-Árabe*, pela Librairie du Liban, em 2004, e *Dicionário Árabe-Português*, pela Editora Almadena, em 2011.

¹¹ Professor Dr. Helmi Nasr, natural do Egito, formou-se também na Universidade de Sorbonne e foi o pioneiro no ensino universitário do árabe no Brasil. Publicou, dentre outras obras, a versão bilíngue (árabe-português) do Corão pelo Complexo Rei Fahd, na Arábia Saudita.

¹² O Prof. Dr. Vargens recebeu dois importantes prêmios, um em 2011: UNESCO-Sharjah Prize for Arab Culture; e outro em 2013: Prêmio de Tradução, conferido pela Biblioteca Real da Arábia Saudita.

CAFFARO, P.C.

de língua, literatura e cultura árabes, nos níveis de graduação e pós-graduação (especialização).

De acordo com o um levantamento feito junto a professores do Setor de Estudos Árabes da UFRJ e do Curso de Bacharelado em Letras-Árabe da USP, o perfil dos alunos ingressantes costuma ser variado, no entanto, de uma forma geral, eles têm mais de 18 anos e a grande maioria não possui ascendência árabe, ou seja, o idioma não é sua língua de herança. Quando são descendentes de imigrantes árabes, poucos sabem sobre a língua de seus antepassados. Mas quais são as principais motivações que levam jovens brasileiros, sem vínculos com os países árabes, a ingressarem no Curso de Letras Português-Árabe, já que nossa história compartilhada é pouco divulgada nas escolas e livros didáticos do Ensino Básico?

Após o, 11 de setembro de 2001, houve uma explosão no número de interessados em estudar sobre o Oriente Médio em todo o globo e, conseqüentemente, no Brasil. Por motivos geopolíticos, bélicos, estratégicos, econômicos, sociais, culturais, as universidades do mundo viram a procura pelo idioma árabe aumentar substancialmente. Nos anos posteriores, sucessivos eventos continuaram eclodindo naquela região: os contínuos conflitos entre palestinos e israelenses, o conflito Israel-Hezbollah, a Guerra no Iraque, a Primavera Árabe, a Revolução Egípcia, a Guerra Civil Síria, o ISIS, a explosão no porto de Beirut e a reconstrução do Líbano, dentre tantos outros acontecimentos que colocaram o Oriente Médio, o Islã e a língua árabe em foco. A partir de então, a procura pelo árabe nos bancos universitários brasileiros disparou, de acordo com o testemunho de docentes das instituições mencionadas. Anualmente, a UFRJ oferece 15 novas vagas para alunos ingressantes no Curso de Letras Português-Árabe, na USP, esse total chega a 20. Desde então, todas essas vagas vêm sendo completamente preenchidas.

Observa-se que os alunos universitários ingressantes nos Cursos de Letras Português-Árabe da UFRJ ou da USP possuem diferentes motivações, dentre as quais destacamos: i. razões político-sociais: tentativa de compreender a maneira de viver e pensar árabes; as relações sociais; os inúmeros conflitos que se desenrolam nos países árabes, as ondas migratórias. Alunos da UFRJ e da USP com este perfil sócio-político costumam engajar-se em organizações que lutam pelas causas palestinas e pelos direitos humanos. Muitos de nossos alunos também trabalharam voluntariamente como

CAFFARO, P.C.

intérpretes em ONGs direcionadas aos refugiados no Brasil.; ii. razões literárias: hoje em dia, observamos um aumento no número de traduções diretamente do árabe ao português, consequência de pesquisas científicas, como é o caso de alguns clássicos da Literatura Árabe, como, *Kalila wa Dimna*, de Ibn Almuqqafa', traduzido pelo Prof. Dr. Jarouche (2005), *O livro da alma*, de Avicena, traduzido pelo Prof. Dr. Miguel Attie Filho (2011), *A Hierarquia dos Povos*, de Sa'id Alandalusi, traduzido pela Profa. Dra. Safa Jubran (2011). Há ainda uma intensa atividade de tradução de romances árabes contemporâneos a pedido do mercado editorial, como exemplos, citamos *Tempo de migrar para o Norte*, de Tayeb Salih (2004), *E nós cobrimos seus olhos*, de Alaa Alaswany (2013), *O Correio Noturno*, de Hoda Barakat (2020), traduzidos também pela Profa. Jubran.; iii. razões linguísticas: a língua árabe usa um sistema de escrita e alfabeto totalmente diverso do nosso, esse fato desperta a curiosidade inicial do aluno que deseja decifrar o que, a princípio, lhe parece um desenho.

E com qual propósito aprendem árabe no Brasil? Um país geograficamente tão afastado dos países árabes e sem tantas relações de cooperação comercial, política e cultural? Os alunos graduados em Letras Português-Árabe podem escolher seguir, dentre outras possibilidades, o secretariado bilíngue em empresas, Embaixadas e Consulados de países árabes instalados em diferentes cidades brasileiras. Há também aqueles que almejam seguir a carreira acadêmica, dedicando-se à pesquisa, à tradução e ao ensino.

Além dos cursos oficiais de graduação mantidos pelo Governo Brasileiro, encontramos escolas e cursos privados onde a língua árabe é ensinada, contudo, em muitos desses locais, a aprendizagem do idioma está atrelada à religião islâmica. A Escola Islâmica Brasileira¹³, em São Paulo, e Escola Libanesa Brasileira¹⁴, em Foz do Iguaçu são apenas dois exemplos de escolas religiosas. Essas instituições oferecem vagas, a todos brasileiros interessados, no entanto, o número de filhos de imigrantes muçulmanos matriculados é expressivamente maior.

Entre os anos de 2013 a 2015, desenvolveu-se na capital carioca um projeto, em parceria com a Fundação Internacional do Qatar¹⁵ (QFI) e a Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro, que visava ensinar a língua e cultura árabes a

¹³ <https://www.islamica.com.br/>

¹⁴ <http://escolalibanesabrasileira.com.br/>

¹⁵ <https://www.qfi.org/opportunities/qatar-foundation-international-in-brazil/>

CAFFARO, P.C.

crianças do ensino fundamental da Rede Básica. A iniciativa foi implantada, primeiramente, em Ginásios Experimentais Cariocas¹⁶ (GECs), um programa desenvolvido pela SME e instituições parceiras, que tinha como objetivo “formar jovens autônomos, conscientes de seu papel na sociedade e ajudá-los a traçar projetos de vida.” (MESQUITA, 2013) Para isso, o aluno permanecia na escola das 8h às 16h, e no contra turno, poderia escolher uma gama de atividades e disciplinas eletivas, a depender da região e vocação daquele ginásio. A língua e cultura árabes inseriam-se, então, nesse contexto de disciplinas eletivas e as aulas aconteciam duas vezes por semana, com uma duração média de 160 minutos semanais.

A Fundação Internacional do Qatar selecionou cinco professores egressos da UFRJ e orientou-os dentro dos moldes da Abordagem Comunicativa e do Ensino Crítico de línguas estrangeiras, com sucessivos treinamentos e visitas *in loco* dos supervisores do programa, além de prover todo o material didático necessário para as aulas. A SME selecionou as escolas que receberiam o programa, seis GECs, e organizou toda a logística devida. Em 2015, a iniciativa estendeu-se para escolas estaduais. A Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC) e a QFI firmaram a parceria e englobaram duas escolas do Estado. Tínhamos por volta de 100 alunos matriculados e frequentando as aulas eletivas de árabe. A cada fechamento de unidade, eram aplicados testes escritos e orais que priorizavam a espontaneidade e criatividade do aluno com a língua, dentro do nível de proficiência esperado. Observávamos que os alunos participantes do projeto realmente aprendiam o idioma. De forma lúdica, ou com atividades estruturais, os aprendizes eram alfabetizados e iam aos poucos ganhando autonomia na língua, desfazendo preconceitos culturais, apreendendo que há outros mundos a explorar, senão o Velho Mundo ou a tão almejada América. Acreditamos que esse possa ter sido o maior fruto que obtivemos com o projeto, isto é, a possibilidade de abrir a adolescentes e jovens novas perspectivas para o futuro. Em 2016, entre os calouros do Curso de Letras Português-Árabe da UFRJ, havia alunos egressos do projeto. Era o ciclo almejado. Infelizmente, o programa foi descontinuado ao final de 2015.

¹⁶ <https://educacaointegral.org.br/experiencias/ginasios-que-contemplam-as-caracteristicas-da-juventude-atual/>.

CAFFARO, P.C.

Outra iniciativa que vale à pena ser mencionada chama-se “Abraço Cultural¹⁷”, um projeto pioneiro que se dedica a ensinar idiomas estrangeiros e suas culturas a brasileiros, tendo como professores refugiados. O curso de Árabe oferecido pela BibliASPA¹⁸ segue o mesmo direcionamento, inserindo professores refugiados no ensino de seus idiomas maternos.

Há dois polos, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo, onde a comunidade não acadêmica pode aprender o árabe, de modo estruturado e contínuo. Por último, gostaríamos de salientar que a UFRJ e USP possuem um projeto de extensão acadêmica, chamados respectivamente de CLAC (Curso de Línguas Aberto à Comunidade) e CL (Centro de Línguas). Nesses centros, há a oferta de cursos de diversas línguas em que os professores são, na verdade, monitores em treinamento, ou seja, alunos dos cursos de graduação das línguas estrangeiras que, sob supervisão de um docente-coordenador, lecionam o idioma e sua cultura. No caso do árabe, o curso é dividido em quatro semestres de árabe padrão e dois semestres extras de conversação em algum dialeto, normalmente, o egípcio. O público alvo do CLAC e CL são, na maioria dos casos, alunos universitários de outras carreiras, como Direito, Relações Internacionais, Medicina, Física, entre outros. Não há a pretensão, neste estudo, de esgotar todas as possibilidades e listar todos os cursos e institutos que ensinam árabe no Brasil, seja de forma presencial, seja na versão virtual, devido ao contexto pandêmica em que nos encontramos. A intenção é mostrar ao leitor o florescimento de novas iniciativas e oportunidades em solo nacional, onde é possível estudar a língua e cultura árabe, com professores cuja língua de partida é o português.

Com relação ao currículo e material didático para o ensino de língua árabe aos alunos brasileiros, não há uma unanimidade e consenso. Os cursos de graduação na UFRJ e USP possuem disciplinas e programas particulares, para os quais os professores de língua elaboraram seu próprio material, tendo como referência livros didáticos produzidos para alunos de outras nacionalidades, como por exemplo, a coleção de livros *Al-Kitaab fii Ta'allum Al-'Arabiyya* (2013). O mesmo ocorre com dicionários de língua, precisamos consultar obras em árabe-inglês ou árabe-espanhol, uma vez que temos, em

¹⁷ <http://www.abracocultural.com.br/>

¹⁸ <https://bibliaspaspa.org/refugiados/idiomas-e-culturas-por-refugiados-para-a-sociedade-brasileira-que-aprende-frances-arabe-ingles-espanhol/>

CAFFARO, P.C.

língua portuguesa, há apenas o Dicionário Árabe-Português elaborado pelo Dr. Sabbagh. A escassez de materiais didáticos e obras de referência para o ensino de árabe voltado aos falantes de língua portuguesa é ainda uma lacuna a ser preenchida.

Outro desafio que nós, os professores de língua árabe do Brasil, temos é a carência de treinamentos regulares, em que pudéssemos nos reunir, dialogar e refletir sobre questões fundamentais relacionadas ao ensino dessa língua e da literatura em árabe, para alunos brasileiros, considerando currículo, elaboração de material didático específico, metodologias de ensino, a integração das variedades linguísticas (padrão e dialetos), para um ensino-aprendizagem coerente com a realidade linguística presente nos países de língua árabe, visando à formação de alunos proficientes.

Sabemos que os investimentos governamentais para a educação pública no Brasil são insuficientes para financiar novas iniciativas de pesquisa. Precisamos unir esforços e instituir novas parcerias entre universidades brasileiras e de países árabes a fim de que busquemos, conjuntamente, o desenvolvimento de projetos para elaboração de material didático específico, formação de professores, traduções, pesquisas linguísticas, enfim, cujo objetivo seja o apoio e fortalecimento dos Estudos Árabes no Brasil.

Conclusão

Esse artigo teve por objetivo a apresentação do *status* da língua árabe, no Brasil, nos últimos dez anos (2010 a 2020), considerando os centros de ensino, a motivação e interesse dos alunos, os professores e seus desafios, o material didático, currículo e treinamento.

Antes, porém, achamos importante revistarmos história compartilhada em solo brasileiro a fim de rememorar o leitor sobre a formação do povo brasileiro e o papel de destaque dos árabes e africanos islamizados.

Vimos também que, apesar da aumento do interesse, decorrente do contexto geopolítico recente, há poucos professores especializados e poucos alunos dispostos a dedicar anos nessa ciência, se considerarmos números reais, em comparação a outras línguas.

CAFFARO, P.C.

Contudo, temos convicção da relevância de nosso trabalho no cenário nacional, não só para o universo das Letras, mas, principalmente, contribuindo para “ampliar o diálogo entre o Brasil e os países de língua árabe, na certeza de que, para haver entendimento, é necessário um conhecimento mútuo” (VARGENS, 2020).

Referências:

ANÔNIMO. **Livro das mil e uma noites./ Anônimo; introdução, notas, apêndice e tradução do árabe Mamede Mustafa Jarouche.** São Paulo: Globo, 2006, 3ed.

ALANDALUSI, Sa'id. **A Hierarquia dos Povos/ Sa'id Alandalusi;** tradução Safa A-C Jubran. São Paulo: Amaral Gurgel Editorial, 2011.

ASWANY, Alaa Al. **E nós cobrimos seus olhos: uma novela e outros contos./ Alaa Al Aswany;** tradução Safa A-C Jubran. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, 1ed.

BARAKAT, Hoda. **Correio Noturno./ Hoda Barakat; tradução Safa A-C Jubran.** Rio de Janeiro: Tabla, 2020.

BRUSTAD, Kristen; AL-BATAL, Mahmoud; **AL-TONSI, Abbas. Al-Kitaab fii Ta'allum Al-'Arabiyya. Washignton, Georgetown University Press,** 2013, 3 ed.

CAVALIERE, Arlene Orlando. **“Departamento de Letras Orientais, por uma integração do saber.”** Disponível em: <https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2018-01/Informe_11.pdf> Acesso em: 7 abr. 2020.

IBN AL-MUQAFFA'. **Kalil e Dimna./ Ibn al-Muqaffa'; tradução, organização, introdução e notas Mamede Mustafa Jarouche.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

IBN SINA. **O livro da Alma./ Ibn Sina;** tradução Miguel Attie Filho. São Paulo: Globo, 2010.

MESQUITA, Heloísa. “Ginásio Experimental Carioca contempla as características da juventude atual.” Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/experiencias/ginasios-que-contemplam-as-caracteristicas-da-juventude-atual/>> Acesso em: 18 set. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: formação do sentido do Brasil.** São Paulo, Companhia das Letras, 1995, 2 ed.

SABBAGH, Alphonse Nagib. **Dicionário Árabe-Português.** Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional & Almadena Editora, 2011.

SALIH, Tayeb. **Tempo de Migrar para o norte./ Tayeb Salih;** tradução Safa A-C Jubran. São Paulo: Editora Planeta, 2004.

SISMONDINI, Alberto. **Arabia Brasileira.** Cotia, Ateliê Editorial, 2017.

CAFFARO, P.C.

VARGENS, João Baptista de M.; LOPES, Ney. **Islamismo e Negritude: da África ao Brasil, da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, Reproarte, 1982.

VARGENS, João Baptista de M. D. **Pedro II, o primeiro arabista do Brasil?** Rio Bonito, Almádena, 2013.

VARGENS, João Baptista M. “**Estudos Árabes da UFRJ: Jubileu de Ouro**”. Disponível em: <<https://icarabe.org/index.php/node/3589>> Acesso em: 8 abr. 2020.

Como citar este artigo (ABNT)

CAFFARO, P.C. **Um panorama sobre língua Árabe no Brasil e seu percurso até a sala de aula**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 4, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

CAFFARO, P.C. (2020). **Um panorama sobre língua Árabe no Brasil e seu percurso até a sala de aula**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

